

PARA O POVO VER: A MATERIALIDADE DOS ENGENHOS BANGUÊS DO NORTE DE ALAGOAS, NO SÉCULO XIX.

Rute Ferreira Barbosa
Orientador: Scott Joseph Allen

INTRODUÇÃO

As pesquisas arqueológicas em Alagoas são recentes, apenas nas últimas décadas os trabalhos começaram a ser desenvolvidos de forma sistemática. Em relação à Arqueologia Histórica, o cenário se caracteriza por estudos de curta duração, geralmente voltados a estudos preventivos. Algumas pesquisas realizadas nas cidades de Penedo, Porto de Pedras e Porto Calvo, apresentaram um rico acervo arqueológico que ressaltaram o potencial do campo da Arqueologia Histórica em Alagoas (ALLEN et al, 2007a; 2007b; 2008). Por toda extensão do estado é conhecida uma grande quantidade de sítios arqueológicos históricos que vão da zona da mata até o sertão. Destes, poucos foram estudados.

O potencial apresentado pela Arqueologia Histórica no estado pode gerar grandes contribuições à historiografia alagoana que se apresenta, por diversas vezes, generalizante e com grandes lacunas. Parte delas, em detrimento da documentação escrita que é parca, e parte, pelo caráter positivista que permeou a história local por vários anos. Neste aspecto, a Arqueologia Histórica tem muito a oferecer, pois através da cultura material, é possível se conhecer um passado mais plural em fontes e abordagens. Além disso, o simultâneo acesso dos arqueólogos históricos a diversas fontes – documentos escritos, cultura material e oralidade – dão subsídios sobre as condições do passado e permite o estudo de processos comportamentais envolvidos na ação humana.

De acordo com Lima (1993:230) um dos aspectos mais notáveis para se trabalhar na arqueologia histórica é a capacidade de dispor de dados contextuais, os quais permitem ao pesquisador trabalhar simultaneamente com o registro documental, o registro arqueológico e o registro oral. Segundo a pesquisadora, a comparação entre aquilo que foi

escrito e aquilo que realmente foi feito faz brotar uma informação preciosa, extraída do confronto entre as duas fontes. Neste ponto, a arqueologia histórica demonstra seu grande potencial, permitindo que o pesquisador vá além, atingindo os domínios cognitivos, dentre outras questões do comportamento cultural. Este confronto pode levar a uma nova via de análise e interpretação, pois possibilita a discussão de problemas que não seriam passíveis de evidenciação, caso o dado arqueológico fosse trabalhado apenas com o propósito de fornecer informações complementares a uma pesquisa histórica.

A pesquisa em questão tem como interesse de estudo a região do Vale do Rio Manguaba, situado no norte do estado de Alagoas, apontada desde o século XVI pelos colonizadores como um local propício ao cultivo da cana de açúcar. A região apresenta uma das mais antigas vilas do estado, Porto Calvo, um dos primeiros espaços habitados pelos portugueses no Brasil. Foi uma região com um papel importante em diversos acontecimentos econômicos e militares, como as disputas entre portugueses e holandeses pelo seu fértil território. Com a chegada de Cristóvão Lins¹ na região foram implantados os primeiros engenhos banguês² que fomentaram economia durante séculos.

O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DA REGIÃO NORTE DO ESTADO DE ALAGOAS

Decorrente de tais fatos e das ocupações históricas que permearam a região, Porto Calvo abriga hoje um grande patrimônio histórico e arqueológico. No biênio 2007/2008, foi realizada a primeira etapa do projeto “Rota da Escravidão/Rota da Liberdade: A Arqueologia Histórica da Diáspora Africana em Alagoas”, pelo Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológico (NEPA), da Universidade Federal de Alagoas, sob a coordenação do arqueólogo Scott Joseph Allen. Esse projeto teve como objetivo mapear os locais ocupados por populações africanas e afro-brasileiras no estado de Alagoas, visando

¹Cristóvão Lins foi um dos primeiros colonizadores da região norte do estado de Alagoas e o primeiro a fundar engenhos de cana de açúcar, recebeu o título de alcaide-mor de Porto Calvo no ano de 1600.

² Banguês foram os primeiros tipos de engenhos implantados no Brasil, eram movidos por força hidráulica ou pela força de animais, conforme apresenta Diegues Júnior (2006:41-42).

identificar e estudar, através de evidências arqueológicas esses sítios, e com base na Arqueologia Histórica, interpretar o cotidiano do escravo na sociedade colonial.

Em consequência do referido projeto, foram catalogados 12 sítios históricos e mais de 13 áreas de potencial interesse arqueológico. Através da prospecção visual e da prospecção de subsuperfície, foi recolhida uma grande quantidade de artefatos que proporcionaram um rico acervo material. Foram coletados fragmentos de faiança, louça, grés, cerâmica simples e vitrificada, porcelana, entre outros artefatos diagnósticos de sítios históricos no nordeste do Brasil.

Com base nos resultados parciais do referido projeto, pôde-se perceber uma grande quantidade na amostra de louças, em suas maiorias inglesas, fabricadas no século XIX e inseridas no cotidiano desses engenhos.

Nesse período, o Brasil passou por acentuadas mudanças nos padrões de comportamento social, mais especificamente no âmbito doméstico, quando diversos costumes começam a ser incorporados dentro das famílias brasileiras, principalmente nas que dispunham de um maior poder aquisitivo. Percebe-se uma tentativa por parte destas em emular as elites europeias consumindo os produtos industrializados, produzidos em larga escala pela revolução industrial que acontecia na Europa e buscava mercados consumidores para seus produtos.

Symanski (2002:83) assegura que um conjunto de elementos atuou para a conformação dessa nova cultura de consumo no Brasil; “o contato mais intenso com a Europa em função de fatores como a chegada da família real e sua comitiva, a abertura dos portos e o aumento no intercâmbio entre brasileiros e europeus levou as elites brasileiras a adotar modelos e padrões de comportamento das elites europeias, numa busca pela distinção e pela identificação com um modo de vida mais civilizado, cosmopolita, burguês”.

Advindos desses fatores, no ambiente doméstico tais mudanças vão ocorrer, principalmente, segundo Reis Filho (1995), na sala de jantar, que até o começo do século XIX era a tradicional varanda colonial, “um local alpendrado nos fundos da casa, espaço íntimo e multifuncional, no qual a família fazia suas refeições” (REIS FILHO, 1995). E que

no início do século teve esse aspecto transformado segundo Lima (1996), passando a ser um ambiente de sociabilidade, onde os itens dispostos nesses momentos obedeciam toda uma regra de etiqueta, atuante na sociedade oitocentista.

Alagoas acolheu os produtos industrializados tanto que no século XIX grande parte da econômica regional era fruto do comércio inglês (PÔRTO et al, 1985). A região norte do estado tinha seu próprio entreposto para chegada desses produtos. Pesquisas arqueológicas realizadas nas imediações deste local, denominado de Patacho, apresentaram uma amostra significativa de diversos materiais, sobretudo, de louças inglesas (ALLEN et al, 2007).

Contudo, na primeira metade do século XIX, os engenhos banguês no estado de Alagoas começaram a sofrer os impactos provocados pela modernização. Neste século, chegaram à região as primeiras máquinas a vapor que possibilitavam uma moagem mais rápida e barata da cana-de-açúcar. Perante esta conjuntura os velhos banguês passam a enfrentar um progressivo declínio econômico, uma vez que com a modernização das técnicas de produção estes se tornaram obsoletos, tendo dificuldades em competir com o modo de produção dos engenhos mecanizados.

Essas circunstâncias puseram em cheque o prestígio político de muitos senhores da aristocracia açucareira portocalvens, que para não perder o poder, criaram diversas estratégias que promoveram a manutenção do seu *status* social. Considerando que a cultura material é utilizada por indivíduos cujas escolhas são contextualizadas através de momentos socialmente, economicamente e ideologicamente determinados, esta pesquisa se propõe a estudar *“de que modo as louças foram incorporadas no cotidiano da aristocracia açucareira do norte de Alagoas no século XIX.”*

Escavações conduzidas em sítios históricos do século XIX têm apresentado nos fragmentos de louças um dos principais vestígios recuperados. Esses fragmentos correspondem a peças diversas de serviços de chá, café, jantar e almoço como: pratos, xícaras, pires, malgas, canecas, tigelas, terrinas, travessas, bules, açucareiros, e assim por diante, em uma ampla variedade de padrões decorativos. De acordo com Lima (1995:129) esta “frequência impressionante de centenas de fragmentos requer uma reflexão sobre os

possíveis significados desses artefatos para a sociedade que os incorporou com tanta intensidade a sua vida cotidiana”.

QUADRO TEÓRICO

Seguindo as tendências da arqueologia em geral, nos últimos 20 anos surgiram na arqueologia histórica uma diversidade de perspectivas pautadas em orientações críticas e simbólicas, que exploram várias temáticas ligadas ao comportamento de consumo, relações de poder e ideologias, entre outras. De acordo com Symanski (2009:08) o que essas abordagens possuem em comum é a preocupação em entender os contextos locais considerando as forças mais amplas que moldaram o mundo moderno. Essas abordagens podem ser rotuladas de Arqueologias do Capitalismo.

No Brasil, pesquisadores influenciados por essas abordagens passaram a dar atenção a diversas áreas, considerando o grande potencial oferecido por estas para interpretações. Estas pesquisas se distinguiram pelas novas abordagens e problemáticas que atribuíram aos sítios, onde objetivavam não só descrição do material arqueológico, mas também a compreensão das relações sociais, econômicas e culturais que permearam esses contextos (TOCCHETTO, 2010; SOUZA, 1995; SYMANSKI, 2009; FUNARI 1995; 1999; ALLEN, 1998; 2000; 2006).

O quadro teórico utilizado nesta pesquisa trabalha com uma das abordagens mais difundidas dentro da Arqueologia do Capitalismo voltada para compreender os modos complexos pelos quais as **Ideologias** e o **Poder** atuaram numa determinada sociedade. Estas pesquisas procuram interpretar os valores simbólicos atribuídos a determinados artefatos e como agem as ideologias através destes, suas estratégias e como estas se naturalizam (LITTLE 1994:11).

O conceito de ideologia derivado da ótica marxista tem feito grandes contribuições em estudos na Arqueologia Histórica. Por exemplo, Leone (1984) em pesquisas na cidade de Annapolis interpretou como a cultura material atuou para naturalizar uma ideologia oriunda das classes dominantes. Suas pesquisas estiveram

pautadas no conceito de Ideologia proposto por Althusser (1971), que considera que as ideologias das classes dominantes são impostas aos grupos subordinados, através de representações ideologicamente formadas, que servem para naturalizar e assim, mascarar, a arbitrariedade da ordem social.

De acordo com Yentsch (1991:192) a cultura material deve ser compreendida como metáfora, através das quais as pessoas *falam* sobre relações sociais, cabe ao arqueólogo compreender o que está por detrás de tal *linguagem*. Ao selecionarem e se apropriarem desses textos os indivíduos os decodificam, ao mesmo tempo em que ajudam a produzi-los no ato de sua apropriação. Assim, esses objetos não apenas refletem aspectos da cultura, “mas são ativamente manipulados no sentido da sua construção, muitas vezes condicionando e controlando a ação social” (LIMA, 1995).

Baseado nestes pressupostos, o estudo em questão considerou o universo de louças oriundas dos engenhos; Estaleiro, Escurial, Cova da Onça e Capiana, provenientes do projeto Rota, que já fora citado acima. Também foram trabalhados os dados da pesquisa feita no Porto de Patacho, considerando a importância deste para o abastecimento da região. Como estudo de caso a pesquisa se debruçou sobre a amostra de louças proveniente do Engenho São Gonçalo, que apresentou um maior número de artefatos.

METODOLOGIA

Pesquisas arqueológicas voltadas para análise das louças têm considerando vários atributos presentes nestas, tais como: *esmalte, técnica de decoração, cor, motivo decorativo, cena, modelo e padrão decorativo*³. Estes atributos fornecem indicadores alusivos, entre tantos outros aspectos, as tendências referentes a consumo e gosto, bem como ao período de fabricação das peças (TOCCHETTO et al, 2001). Pesquisas em sítios históricos no Brasil têm apresentado cronologias mais precisas quando todos esses atributos são combinados na análise (SYMANSKI, 1997; TOCCHETTO et al, 2001; LIMA, 1995).

³ Estes atributos serão explicados mais adiante, página 93.

Segundo Majewsky e O'Brien (1987 *apud* TOCCHETTO et al, 2001) a classificação das cerâmicas históricas deve ser realizada mediante um sistema taxonômico, baseado na decoração das peças, estruturado em níveis de decisões que os ceramistas do século XIX tomaram para determinar a peça a ser decorada. Este sistema foi adaptado e aplicado na classificação das amostras de louças iniciado a separação das louças decoradas e não decoradas. "A partir desta etapa as louças foram também divididas considerando a presença ou ausência de decoração e a técnica empregada." (TOCCHETTO et al, 2001:23)

Baseando-se nas observações feitas por Majewsky e O'Brien (1987 *apud* TOCCHETTO et al, 2001), e adaptadas por Tocchetto et al (2001) os fragmentos de louças foram analisados considerando, além do **esmalte** acima citado, a técnica decorativa e suas variações, mediante os seguintes atributos:

1 – **Esmalte**;

2– **Cor**;

3 – **Motivo decorativo**: relacionado a determinados elementos que compõe a decoração da peça (como floral, paisagem, geométrico);

4 - **Cena**: construída por uma paisagem (comum nas louças decoradas com a técnica do *transfer print*);

5 – **Padrão decorativo**: considera-se "padrão um determinado motivo decorativo que por alguma contingência passou a ser adotado por um grande número de fabricantes" (ARAÚJO E CARVALHO, 1993:82). O padrão é uma designação geral, como cita Araújo e Carvalho (ARAÚJO E CARVALHO, 1993:82), pode-se observar isso em louças Azul Borrão, por exemplo, "em que centenas de modelos decorativos que possuem em comum um aspecto borrado nas figuras e são feitos em azul. (ARAÚJO E CARVALHO, 1993:82)";

6 – **Estilo**: conforme a bibliografia (*sping* e *peasant* para os motivos florais pintados a mão livre e *chinoiserie* para desenhos de inspiração chinesa);

7 – **Modelo**: Compreendido como a denominação atribuída pelo fabricante a uma decoração específica e impresso no fundo da peça (TOCCHETTO et al, 2001:23; ARAÚJO e CARVALHO, 1993:82);

8 – Morfologia da peça

A terceira etapa consistiu em separar os fragmentos de louças em função da complexidade técnica de decoração, que segundo Miller (1980), se configurava como um agravante de valor. Esta constatação foi baseada em pesquisas realizadas em listas de preços dos fabricantes de Staffordshire, Inglaterra, para o período dentre 1796 e 1855, que permitiu desenvolver uma escala econômica para as louças referentes à primeira metade do século XIX. Miller observou que durante todo este período a louça designada como “*cream colored ware*” se manteve num preço estável como a mais barata louça comercializada. Esta estabilidade permitiu ao autor organizar o valor dos tipos decorados em relação ao valor da “*creamware*” para os anos indicados nas listas por ele pesquisadas. No Brasil, pesquisas realizadas por Symanski (1998:98), adotando o modelo proposto por Miller em grupos domésticos do século XIX, comprovaram que a técnica de decoração continuou sendo um peso de custo relevante durante a segunda metade do século XIX.

Assim utilizando a atribuição proposta por Miller⁴, as louças serão divididas nos seguintes agrupamentos:

- 1 – Louças brancas sem decoração, que caracterizavam as mais baratas;
- 2 – Louças decoradas de forma simples, que exigia pouca perícia, tais como *Shell edged e banded ware*;
- 3 – louças pintadas a mão com motivos como flores, folhas, paisagens chinesas estilizadas e padrões geométricos;
- 4 – louças decoradas pela técnica de decoração conhecida por *transfer-printing*.

Para o estabelecimento da cronologia, além dos atributos já expostos, foi considerado o **carimbo do fabricante**, que pode fornecer dados a respeito do período inicial/final da produção, bem como a região de origem da peça. Na ausência do carimbo, as louças

⁴ Ressaltando que a sequência está baseada no critério de valor estabelecido por Miller, indo das mais baratas para as mais caras.

decoradas na técnica *transfer-printing* foram analisadas mediante as datas estabelecidas por Samford (1997 *apud* TOCCHETTO et al, 2001) para os motivos decorativos.

RESULTADOS

A fim de compreender como as louças foram incorporadas ao cotidiano e universo simbólico dos engenhos, cinco sítios prospectados no projeto Rota, como já fora explicitado anteriormente, tiveram sua amostra escolhida para análise parcial: Capiana, Cova da Onça (São José) e São Gonçalo, ambos banguês; Estaleiro e Escurial, ambos a vapor.

Com o objetivo de observar a distribuição das louças nestes engenhos foi realizada uma análise quantitativa mediante a separação destas considerando a técnica decorativa apresentada. Buscou-se compreender em quais empreendimentos agrícolas havia uma maior frequência de louças decoradas na técnica *transfer-print*.

Como pode ser observado no *gráfico* abaixo, em todos os engenhos houve uma maior quantidade nos fragmentos de louças pintadas a mão, com exceção para o engenho Capiana, com uma maior representação nas louças em *transfer-print*. Nos engenhos Escurial, Estaleiro, Cova da Onça as louças brancas aparecem em seguida como as mais populares. Já no engenho São Gonçalo as louças decorada pela técnica *transfer* se apresentam como a segunda categoria mais frequente.

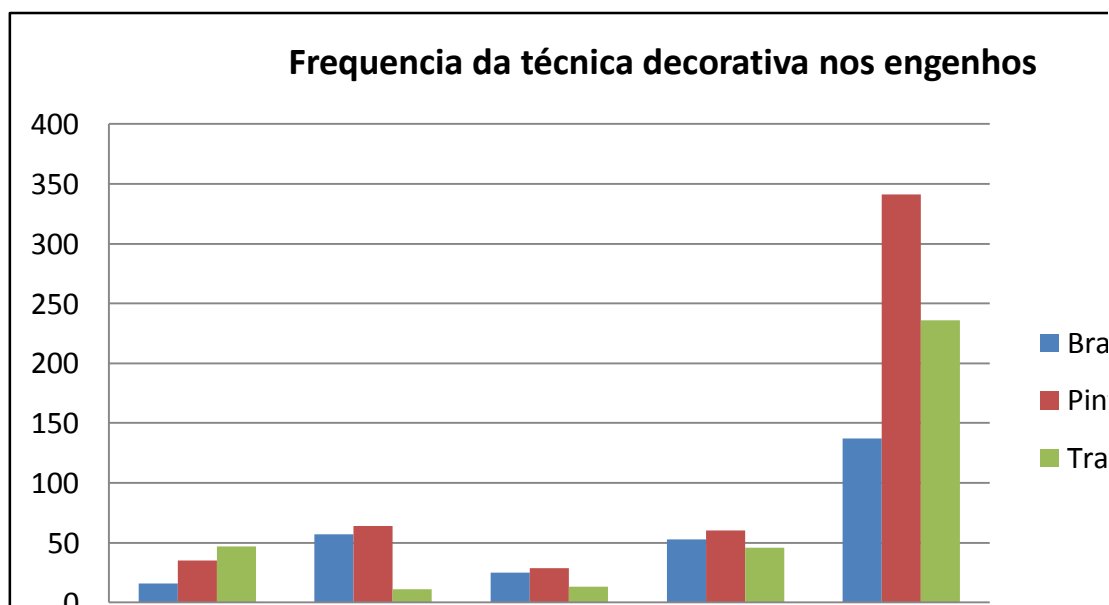


Figura 1- Frequência da técnica decorativa nos engenhos

Ainda observando o *gráfico* outro aspecto de ser discutido: nos engenhos banguês – Capiana, Cova da Onça (São Jose) e São Gonçalo - há uma maior frequência das louças em *transfer* ao contrário dos engenhos a vapor – Estaleiro e Escurial - que apresentam uma baixa incidência desta decoração.

Analisando o contexto específico dos engenhos, a documentação escrita aponta que os engenhos banguês possuíam uma produção de açúcar anual que correspondia há 1000 pães de açúcar para Capiana e 250 pães de açúcar para Cova da Onça. Enquanto que os engenhos a vapor como Escurial produzia 3000 pães de açúcar e Estaleiro 2000⁵.

As louças que possuíam a técnica decorativa em *transfer*, ressaltado anteriormente, eram comercializadas a preços mais altos no Brasil durante o século XIX (SYMANSKI, 1997:157). Em Recife as pesquisas realizadas em jornais do século XIX

⁵ Referência tirada a partir das informações contidas no Mapa Demonstrativo de Produção dos Engenhos de Açúcar da Província de Alagoas no Ano de 1859 feita por Moacyr Medeiros de Santana em 1970.

mostraram que as louças que possuíam decoração eram vendidas por preços altos. Um aparelho de chá azul *fino*⁶, por exemplo, custava em média 40\$000 (DIARIO DE PERNAMBUCO, 01 de outubro de 1829).

As louças analisadas oriundas do entreposto comercial Patatcho apresentaram através da técnica decorativa, motivos decorativos similares aos das louças encontradas nos engenhos, o que sugere uma padronização e cronologia aproximada destes artefatos em ambas as localidades. Entretanto, notou-se uma diferenciação na frequência de louças decoradas nos engenhos banguês, decorações, em sua maioria, de custo mais elevado durante o século XIX.

Considerando estes aspectos pode-se questionar: porque louças mais caras estavam sendo encontradas em engenhos que estavam financeiramente mais pobres?

No engenho São Gonçalo, os resultados apresentados demonstram um considerável investimento dos proprietários deste empreendimento agrícola com as louças. Associando o resultado da análise as informações históricas expostas, considera-se que as louças neste engenho não tiveram apenas um papel utilitário, mas também simbólico. Isto pode ser percebido na grande incidência de louças em *azul borrão*, um dos motivos decorativos em *transfer* comercializados a preços mais altos no século XIX. A amostra de louças deste sítio, relacionados a este padrão decorativo, apresentaram todos os fragmentos associados a peças de servir como travessas, bules, açucareiro entre outros.

A afirmação do *status* dos senhores de engenho da região norte de Alagoas durante o século XIX não esteve baseado apenas em seu poder econômico, mas foi corroborado por outras práticas cotidianas como, por exemplo, o ritual do jantar e do chá que se constituíam também durante este século como momentos de exposição de poder.

⁶ A indicação de objetos "ordinários" e "finos" está sempre presente nos anúncios de vendas de louças durante o século XIX. Mota (2006:196) ressalta que deveria haver uma louça para o dia-a-dia e outra para ocasiões especiais, pelo menos entre as famílias mais prósperas. Desse modo, considerando o significado da palavra ordinário, pode-se concluir que as louças finas eram utilizadas em momentos "especiais" para determinadas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XIX oferecer um jantar passou a ser considerando um dos mais importantes deveres sociais, tornando a cerimônia e, conseqüentemente, a sala de jantar em um espaço destinado não só ao cotidiano familiar, mas também destinado a objetivos sociais como, por exemplo, selar alianças políticas e econômicas. Sendo assim, o jantar tornou-se um ritual onde assegurava a determinadas famílias uma posição hierárquica na sociedade.

Blaton (1994:08 *apud* LIMA, 1995:133) considera que a casa integra um meio de comunicação não verbal, que funciona como veículo por meio do qual estruturas sociais e categorias culturais adquirem existência sensorial. Assim, enquanto componente de um sistema social mais amplo, está necessariamente vinculada a complexas redes de relações, submetida às tensões e pressões que atuam sobre esse sistema como um todo.

No Brasil, durante o século XIX, a reformulação do espaço doméstico e a adoção de um novo conceito de moradia tornou a casa um instrumento não apenas para demarcar papéis, mas, sobretudo, “para assegurar e fortalecer redes de alianças em vários níveis sociais, neste contexto que a sala de jantar assumiu um papel fundamental” (LIMA, 1995:135).

Considerando as especificidades de cada contexto, pode-se perceber que a cultura material foi usada de forma diferenciada por grupos distintos, de modo que os discursos ideológicos nela incutidos foram assimilados em variados grupos sociais (LIMA, 1995; TOCCHETTO, 2010). Desta feita, os resultados arqueológicos associados aos dados contextuais na região norte de alagoas tem demonstrado que as louças utilizadas na sala de jantar dos engenhos durante o século XIX atuaram como elementos de representação transmitindo mensagens de ordem não verbal, que corroboraram na manutenção do *status* social dos proprietários dos velhos engenhos banguês.

Ao longo do século XIX a aristocracia açucareira do norte de Alagoas tentou manter seu *status*. O testemunho do poder econômico e social estava lá nas casas-grandes para quem tivesse a oportunidade de apreciar e transmitir para outros sua impressão de deslumbramento. Ainda de acordo com Carvalho (1988:38) isto demonstrava aparência

de continuidade de um passado opulento, fosse qual fosse a realidade econômica e financeira do engenho, muitas vezes ciosamente guardada pelo senhor para seu exclusivo conhecimento até que o apuramento de bens *post-mortem* viesse a revelar a verdade”.

Desse modo, as louças encontradas nos engenhos do norte de Alagoas podem ser interpretadas como elementos do discurso social que reafirmava o *status* social de seus compradores, considerados aqui como participantes ativos nesse discurso (BREAUDRY et al, 2001).

Como ressaltou Johnson (1996) a cultura material é carente de significado por ela mesma e só adquire uma dimensão ativa e ideológica dentro de um determinado sistema. E são nesses aspectos dos sistemas simbólicos que atuam as ideologias, como notou Leone (1988) em Annapolis.

A cultura material no contexto dos engenhos banguês no norte de Alagoas também foram utilizadas, assim como em Annapolis, para encobrir uma realidade financeira decadente. Estas foram usadas nos contextos dos engenhos como poderosos meios de comunicação que atuaram como marcadores e indicadores de posições sociais. Elas se configuraram como mais um elemento atuando dentro de um determinado espaço de sociabilidade – a sala de jantar ou a sala visita, com o consumo de chá e café – corroborando para manutenção do status social daqueles senhores.

Desse modo, pode-se entender a cultura material como parte de uma ideologia que corroborou com as estratégias sociais de poder dos senhores de engenho durante o século XIX. Poder este que atuou por intermédio das ideologias disseminadas, incorporadas e naturalizadas profundamente no seio da sociedade portocalvense durante aquele período.

Rute Ferreira Barbosa
NEPA-UFAL
rufbarbosa@gmail.com

REFERÊNCIAS

ALLEN, Scott J et al; Rota da Escravidão/ Rota da Liberdade: A Arqueologia da Diáspora Africana em Alagoas. Relatório de Pesquisa. (Arquivado no IPHAN e NEPA/UFAL), 2008.

_____; K. Pinto, S. Silva e R. Tenório. Prospecção Arqueológica dos Engenhos Estaleiro e Escurial. Relatório de Pesquisa. (arquivado no IPHAN e NEPA/UFAL), 2007.

_____; C. Fidelis, S. Lima, R. Tenório. Delimitação e Prospecção do Sítio Patacho, Porto de Pedras, Alagoas.(arquivado no IPHAN e NEPA/UFAL), 2007.

ALTHUSSER, L. *Ideology and ideological state apparatuses*. In: ALTHUSSER, L. (Org.). *Lenin and philosophy and other essays*. London: New Left Books, 1971.

CARVALHO, Zóia Vilar. Rosto e máscara do senhor de engenho de Pernambuco (1822-1888). Recife: FUNDAJ – Editora Massangana, 1988.

FUNARI, Pedro P. The archaeology of Palmares and its contribution to the understanding of the history of african-american culture. *Historical archaeology in latinamerica*, v. 7, p. 1-41, 1995.

JOHNSON, M.H. *An Archaeology of Capitalism*. London: Ed. Blackwell, 1996.

LEONE, M. Interpreting ideology in historical archaeology: The William Paca Garden in Annapolis, Maryland. In: MILLER, D.; TILLEY, C. (Org.). *Ideology, Power and Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

LIMA, Tania A. Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). São Paulo: Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material, 1993.

_____. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do museu paulista, história e cultura material (nova série)*, SAO PAULO, v. 3, p. 129-191, 1995.

_____. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *Manguinhos - história, ciências, saúde*, v. 2, n. 3, p. 44-96, 1996.

LITTLE, Barbara. Family resemblances: a brief overview of history, anthropology, and historical archaeology in the United States. In: Majewski, Teresita; Gaimster, David. (Org.). *International Handbook of Historical Archaeology*, Tucson: Springer Science, 2009.

GEORGE, Miller. *Classification and economic scaling of 19 th. century ceramics*. New York: Historical Archaeology, 1980.

PÔRTO, Lilian de A. F.; PADILHA, Sylvia. *Processo de Modernização do Brasil, 1850-1930: economia e sociedade, uma bibliografia*. Rio de Janeiro: Fundação Rui Barbosa, 1985.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.

SOUZA, M. A. T. Arqueologia da paisagem e sítios militares. Um estudo de um forte colonial em Laguna – Santa Catarina, Brasil. *Historical Archaeology in Latin America* 6:113-122. 1995.

SYMANSKI, Luís C. Grupos Domésticos E Comportamento De Consumo Em Porto Alegre No Século XIX: O Solar Lopo Gonçalves. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, 1997.

_____. Arqueologia histórica no Brasil: Uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, W. F.; MOI, F. P. (Org.). *Cenários Regionais de uma Arqueologia Plural*. v.1. São Paulo: Annablume, 2009. p. 279-310.

_____. Louças e auto expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In: *Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul – Cultura material, discursos e práticas*. Buenos Aires: Ediciones del tridente, 2002.

TOCCHETTO, Fernanda B. Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre moderna oitocentista. São Leopoldo: Oikos, 2010.

_____. Et al. A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade. 1. ed. Porto Alegre: unidade editorial/smc, 2001. v. 500. 168 p.

YENTSH, Anne. Engendering visible and invisible ceramic artifacts: especially dairy vessels. v.25. Detroit: *Historical Archeology*, 1991.